

Apresentação

É com grande satisfação que apresentamos mais um número da revista *Acesso Livre*. Para a composição do dossiê da edição nº 11, propusemos um debate sobre a relação entre arte e instituições de memória. Em um momento em que a arte e os artistas se veem sob duras críticas vindas de certos grupos políticos e as instituições de memória se encontram em grandes dificuldades, a *Acesso Livre* disponibilizou suas páginas para servir de espaço de reflexão. E, para nossa satisfação, nos foram enviados artigos interessantíssimos e que contêm excelentes contribuições para o debate.

Para ilustrar a capa da presente edição, escolhemos uma imagem do quadro *Independência ou Morte!*, também conhecido como *O Grito do Ipiranga*, de autoria do pintor paraibano Pedro Américo (1843-1905). A obra já foi objeto de diversos estudos, que buscaram analisá-la sob diferentes aspectos, como seu discurso imagético, sua historicidade, os elementos estilísticos do autor etc. O quadro é um patrimônio do Brasil e se encontra sob a guarda do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, popularmente conhecido como Museu do Ipiranga. Infelizmente, o belo Edifício-Monumento, sede do museu, está fechado à visitação pública desde 2013, quando apresentava diversos problemas estruturais. Trata-se de uma situação lamentável para a museologia brasileira e para a população local, pesquisadores e turistas, que há anos não podem ter acesso a importantes itens do acervo. A partir de meados de 2018, milhares de peças foram transferidas para imóveis adaptados para recebê-las e a previsão de reabertura do museu é 2022.

A situação do Museu do Ipiranga é apenas um entre os vários casos que demonstram as dificuldades pelas quais passam as instituições de memória no Brasil. Fechamentos, falta de recursos, descaso, negligência e perda do acervo por diversas causas são situações que não são raras no território nacional. O caso mais grave ocorreu em setembro de 2018, quando um incêndio de grandes proporções destruiu quase todo o acervo do Museu Nacional, no pior desastre na museologia brasileira.

Isso mostra o quanto é importante discutir a situação das instituições de memória no Brasil. O presente número da *Acesso Livre* foi pensado tendo como objetivo abrir esse debate, particularmente no que se relaciona ao nosso patrimônio artístico.

No primeiro artigo, intitulado “Sob o desígnio de Mnemosine: a preservação da memória em museus de arte”, a professora Maria Isabel Roque nos apresenta um amplo

debate sobre o papel do museu na contemporaneidade. Por meio de um referencial teórico baseado em análises que articulam a museologia, a sociologia e as humanidades digitais, a autora discorre sobre o aumento da afluência aos museus e analisa as novas formas de mediação cultural possibilitadas pelas tecnologias de informação e comunicação.

A seguir, o artigo de Elizabeth Catoia Varela, intitulado “O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e seu arquivo: fontes para a história da arte no Brasil”, discute a importância do arquivo do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM Rio, que tem sob sua guarda não só a documentação produzida pelo museu, mas também aquela produzida por artistas que tiveram seus trabalhos expostos na instituição. Por meio da apresentação de alguns casos específicos, a autora demonstra a importância desse arquivo para a história da arte no Brasil.

Outra bela contribuição para o presente número é o artigo de Pedro Cantalice, que tem como título “Memória do Cavaquinho Brasileiro no Arquivo Nacional”. Em forma de relato de experiência, o autor apresenta parte de sua pesquisa, chamada “Memória do Cavaquinho Brasileiro”, e discute como o acervo do Arquivo Nacional contribuiu para a coleta de dados para sua pesquisa, o que nos permite conhecer um pouco mais sobre a relação entre documentos arquivísticos e manifestações artísticas.

Nas páginas seguintes, Isis Pimentel de Castro, no artigo intitulado “As definições de histórico em movimento: as pinturas e os objetos históricos transferidos da Escola Nacional de Belas Artes e do Museu Naval ao Museu Histórico Nacional”, nos apresenta um instigante debate sobre as definições de objeto histórico e de museu histórico. Analisando a transferência de pinturas históricas da Escola Nacional de Belas Artes e do Museu Naval para o Museu Histórico Nacional, a autora apresenta discussões, tensões e conflitos que permitem compreender as convenções construídas em torno das definições de “valor histórico”.

Em seguida, o artigo de Flávia Costa Reis, intitulado “A importância da pesquisa no Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte: o exemplo dos estudos sobre a Capela de Santo Antônio de Pompéu, em Sabará”, nos traz uma discussão sobre a importância da pesquisa nos trabalhos desenvolvidos no Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte para a proteção dos bens culturais da Igreja Católica. Por meio da análise de um caso específico, a autora demonstra como a inventariação e a catalogação de bens

culturais não apenas permitem o conhecimento do acervo, mas também se configuram como importantes meios para sua proteção.

Outra contribuição relevante para as discussões propostas no dossiê é o artigo “Restauração da gravura ‘Sou 2 Contigo’”, de Danúbio Gonçalves: reflexões sobre tratamentos de remoção de manchas e critérios de intervenção”, de autoria de Ana Flávia Alves da Silva e Raquel França Garcia Augustin. As autoras partem de um estudo de caso para discutir o processo de tomada de decisão em relação às alternativas disponíveis ao profissional conservador-restaurador para remoção de manchas em gravuras. Ao longo de seu artigo, demonstram o alto grau de especialização requerido para que seja desenvolvido um trabalho de excelência no âmbito de instituições de memória para a salvaguarda do nosso patrimônio histórico-cultural.

A presente edição também conta com importantes debates na seção de artigos livres. São três contribuições que levantam discussões importantíssimas para a ciência da informação, educação e literatura.

O artigo de Davilene Souza Santos e Flávia Goulart Mota Garcia Rosa, que tem como título “Panorama de consumo da informação: da oralidade ao movimento de acesso aberto”, nos traz um debate interessante sobre como o Movimento de Acesso Aberto, em articulação com as Tecnologias de Informação e Comunicação, tem transformado as formas de consumo da informação. Em seu artigo, as autoras traçam um panorama das formas pelas quais a informação tem sido consumida ao longo da história e destacam o papel das editoras científicas na atualidade, que tem se constituído como propulsoras de um novo paradigma no consumo da informação.

Nas páginas seguintes, Luana Andretta e Miguel Rettenmaier, em artigo intitulado “De Juan Cuernavaca a Josué Guimarães: movimentos escriturais nos títulos do romance *Dona Anja*”, nos apresentam uma discussão bastante interessante sobre o processo criativo do autor de obras literárias. A partir de um estudo das várias versões do título do romance *Dona Anja*, do escritor gaúcho Josué Guimarães, e da elaboração de hipóteses sobre o gesto laboral do literato, os autores evidenciam toda a complexidade do processo de escrita, assim como abrem a discussão sobre o potencial científico dos manuscritos, material por muito tempo negligenciado.

Já o artigo de Sandra Noelia da Silva Souza e Luana Frigulha Guisso traz uma contribuição muito importante para discutir a questão ambiental nas escolas. Intitulado “A percepção dos alunos da UMEF Dr. Tuffy Nader sobre os impactos socioambientais

no Rio Jucu”, o artigo nos permite conhecer como estudantes percebem os impactos socioambientais em um rio com o qual mantêm um forte vínculo emocional. Sobretudo, as autoras destacam como a pesquisa junto aos alunos pode se constituir como base para a elaboração de atividades de Educação Ambiental.

Em suma, tanto os artigos que compõem o dossiê quanto os artigos livres nos trazem consideráveis contribuições acadêmicas e sociais em suas respectivas áreas. Fruto de incansáveis esforços dos autores e das autoras, esses artigos permitem a circulação de conhecimento produzido com base em pesquisas e podem agora ser contemplados na 11ª edição da revista *Acesso Livre*.

Boa leitura!

Luiz Salgado Neto

Doutor em História Comparada pela UFRJ

Editor da *Revista Acesso Livre*